

MARÇO DE 1964

Nordeste foi 'o mais prejudicado' em 64, diz Furtado

Fabio Motta/AE

Ex-ministro e presidente da Sudene, economista diz que o regime ampliou o atraso social na região e as Forças Armadas "foram enganadas"

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS - O regime militar sacrificou o Nordeste mais do que qualquer outra região do País. Havia ali um movimento social em andamento que apontava para outra direção e o regime ampliou o atraso da região. Essa é a opinião do economista Celso Furtado, que trabalhou como ministro e superintendente da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) dos três presidentes que antecederam o golpe de 64: Juscelino, Jânio e Jango. Um dos muitos políticos e técnicos brasileiros que tiveram seus direitos políticos cassados por 10 anos pelos militares, Furtado teve de partir para o exílio no Chile, depois Estados Unidos e França, onde ensinou durante 20 anos na Sorbonne, em Paris.

Furtado só voltou à política após a abertura, tendo sido embaixador do Brasil na Comunidade Européia e, mais tarde, ministro da Cultura do governo José Sarney. Hoje, analisando a situação criada em 1964, ele acredita que a morte do presidente John Kennedy talvez tenha precipitado a mudança da posição norte-americana em relação ao governo brasileiro, passando de um apoio claro por meio da Aliança para o Progresso para a cooperação com o golpe militar. Ele lembra que recebeu Edward Kennedy, o irmão e enviado do presidente americano, e que o próprio John Kennedy o recebeu, em Washington, muito interessado no que se fazia pelo desenvolvimento do Nordeste. Furtado acredita também que "as Forças Armadas foram enganadas", pressionadas pelos usineiros da região e por interesses econômicos do Sul, ataçados pelo então governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda.

Nessa entrevista ao **Estado**, Furtado revela que, uma vez, advertiu João Goulart de que deveria se preparar para a hipótese de Carlos Lacerda sucedê-lo na Presidência. A resposta do presidente o surpreendeu: "Isso nunca. Esse homem foi o assassino do doutor Getúlio (Vargas)". Ele descreve Jango como um homem sempre disposto à acomodação (menos com Lacerda). E define o anti-

go governador fluminense como um "guerreiro nato", homem que só se agigantava brigando. Passados 40 anos, a impressão de Furtado é que a responsabilidade pelo golpe militar pode ser atribuída tanto a Jango quanto a Lacerda.

Estado - Qual o balanço que o senhor faz do período militar? Qual a motivação do golpe?

Celso Furtado - O balanço pode ser resumido de forma simples, o de um fracasso. A justificativa dos militares era apenas aumentar o poder do Estado, que estava desorganizado e sem comando. Quanto à motivação, depende da região do País. Tenho a impressão de que o Nordeste, onde eu estava na época, foi a região mais prejudicada pelo golpe. O Nordeste foi surpreendido com uma política em andamento, um movimento social, através das Ligas Camponesas, da Sudene e da Igreja Católica, que apontavam para uma outra direção. Tudo isso foi destruído.

Estado - O presidente João Goulart chegou a pressentir o golpe? Não preparou um contra golpe ou apostava numa sucessão democrática, mesmo tendo Carlos Lacerda como um dos candidatos?

Furtado - Eu sempre disse as coisas diretamente ao presidente João Goulart. Me recordo que no momento mais crucial disse a ele: "É preciso de que o senhor aceite a hipótese de que Carlos Lacerda venha a ser o seu sucessor." Sua reação foi imediata. "Esse nunca. Esse homem foi o assassino do doutor Getúlio." Jango sempre foi um presidente favorável à acomodação, mas nesse caso não hesitou na resposta. De um lado ele dizia que não passaria o poder ao assassino do Getúlio, mas de outro não tinha força suficiente para impedir uma eventual posse do Lacerda, caso ele fosse eleito. Houve também uma tentativa de Jango aumentar seus poderes, com o pedido de estado de sítio (ao Congresso, em novembro de 1963), que acabou fracassando. Esse projeto deu a impressão de que ele queria dar um passo à frente, poucos meses antes de os militares terem tomado o poder.

Estado - Quais foram as



Furtado, no Rio: na época do golpe o Brasil "enfrentava fortes dificuldades no exterior e entrava em declínio no plano interno".

consequências da tomada do poder pelos militares?

Furtado - No Nordeste as consequências foram mais graves, pois a repressão exercida acabou com o movimento social existente, as Ligas e a Igreja Católica. A região do País que havia acumulado maior atraso social era o Nordeste. O atraso aumentou ainda mais com a mudança. O movimento de 1964 passou despercebido em várias partes do País. Foi um golpe a mais, mesmo em São Paulo. Houve atendimento de certos interesses econômicos e a região se acomodou. Exceção foi o Rio de Janeiro, onde a tensão era maior em razão da presença de Lacerda, que constituía um desafio, e no Rio Grande do Sul. Hoje, 40 anos depois, acho que as Forças Armadas, foram enganadas. No Recife, quando estive com os militares, cheguei a perguntar ao comandante do IV Exército, general Justino Alves, o que eles estavam pretendendo. A resposta foi simples: "Queremos colocar o Arraes para fora." Ele chegou a prometer que se o Arraes se acomodasse não seria perseguido. Não foi bem o que vimos e o Arraes, entre os governadores punidos, foi o mais sacrificado, em função das pressões dos usineiros.

Estado - Como explicar

que Edward Kennedy, irmão do presidente americano, se mostrasse simpático aos movimentos sociais e os EUA depois tenham apoiado o golpe?

Furtado - Havia uma divisão no governo dos Estados Unidos que ficou mais caracterizada após a morte do presidente John Kennedy. No interior do governo dos EUA havia um movimento de apoio às forças progressistas do Nordeste. Como funcionário do governo brasileiro, cheguei a ser recebido pelo presidente Kennedy em Washington. Isso revela o grau de interesse pelo trabalho que fazia a Sudene. Por isso reagi com surpresa quando eles mudaram de direção.

Estado - O que teria levado os Estados Unidos a mudança de posição?

Furtado - Com a morte de Kennedy houve uma mudança qualitativa. Seu sucessor, Lyndon Johnson, representou uma mudança profunda. Basta ver a escalada no Vietnã duran-

te sua gestão. No Brasil, os aliados de Kennedy éramos nós. Havia um outro lado, bem mais próximo de Carlos Lacerda.

Estado - A seu ver, com Kennedy poderia não ter ocorrido o golpe militar?

Furtado - É muito provável que houvesse uma resistência ao golpe. O governo americano também tem suas falhas e suas bruscas mudanças de direção.

Muitas vezes fico pensando se eles estão realmente preparados para responder a essa imensa responsabilidade que é o exercício dessa liderança mundial. Tenho minhas dúvidas...

Estado - Para onde iria o Brasil se o golpe militar não tivesse ocorrido?

Furtado - Na época do golpe, não se pode dizer que o Brasil estava bem. Já enfrentava fortes dificuldades no exterior e encontrava-se em declínio no plano interno. Era preciso sustentar a economia, que poderia entrar em colapso, mas o governo não tinha força para adotar

medidas sérias. Acho que naquele momento a moratória era indispensável, uma moratória negociada com os credores, não conflituosa.

Estado - O que faltou para se chegar a uma solução como essa?

Furtado - Nessa ocasião, o problema dependia tanto ou mais do Lacerda do que do próprio Jango. Sua posição era radical e tudo que cheirava Jango ele era contra. Mesmo comigo ele sempre esteve em conflito, em razão da minha proximidade como ministro do presidente. Acho que a responsabilidade do golpe cabe tanto a Jango quanto ao Lacerda.

Estado - Se Lacerda vencesse as eleições, assumiria normalmente?

Furtado - A sucessão de Goulart seria muito complicada. O presidente teria de enfrentar um guerreiro nato que se agigantava brigando. No Brasil, os militares acreditaram no espantanto e acabaram sendo enganados, como também foram enganados os que acreditaram que os militares só permaneceriam dois anos no poder, antes de devolvê-lo aos civis. Esse foi o caso do grupo mineiro, do Magalhães Pinto e de outros, todos à espera de uma acomodação que acabou não acontecendo.

O balanço pode ser resumido como um fracasso. A justificativa dos militares era aumentar o poder do Estado

Os militares acreditaram no espantanto e acabaram enganados, assim como quem achava que eles permaneceriam dois anos

PONTO FRIO

Superofertas assim só aqui e no encarte do Ponto Frio neste jornal.

BRASTEMP
REFRIGERADOR
DUPLEX 310 LITROS
Frost Free
Consumo: 47,2 kWh/ano

- Controle eletrônico externo de temperatura no freezer
- Compêrtimento estofado
- Prateleira de vidro que impede o derretimento de alimentos

Quer mais? Veja

A partir de R\$ 1.699,90

169,90
10x
SEM JUROS
NO CARTÃO

APROVEITE
Passe no Ponto Frio, veja e aproveite as ofertas e a variedade de produtos que aqui só tem.

O BONZÃO COBRE E DÁ MAIS.

10% DA DIFERENÇA EM DESCONTO PRA VOCÊ.*

Aproveite esta oferta e muito mais na MegaStore Ponto Frio, Marg. Tietê entre as pontes do Piqueri e Freguesia do Ô, na Alameda Lorena e em mais 94 lojas em todo o estado.

*Oferta válida até 31/03/2004 ou enquanto durar o estoque. *Válida somente para preço à vista e produtos iguais, fabricados no Brasil, anunciados pelo Ponto Frio e pela MegaStore. Exclui-se a oferta de grande circulação, excetuando a validade das condições, a duração das nossas estoques e a duração da promoção. Consulte a regaliação nas lojas.

Forma de pagamento: a partir de 10 parcelas de crédito em 10x sem juros, sendo o 1º pago no vencimento da primeira parcela e as demais a cada 30 dias. Para saber a viabilidade de crédito consulte o gerente da loja.

Atendimento ao cliente: 0800 000 000. Multa moratória de 2,02% Trimestralmente por atraso. Interesses e Taxas bancárias condicionadas ao prazo e prazo de entrega dos produtos.